LITERATURA DE CORDEL

PEQUENA HISTÓRIA DO PARÁ



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

A história do Pará,
como disse *Benedicto*
Monteiro em sua obra,
quase como veredicto:
- é pobre em bibliografia,
nunca teve primazia.
Disso ele estava convicto.

Garimpando aqui e ali
persistente, incansável,
acumulou, pesquisando,
um arquivo respeitável,
num denodo sem igual,
no Brasil e em Portugal.
Trabalho incomparável.

Pretendia incorporar
à nossa literatura
uma obra singular,
com didática estrutura
que mostrasses as belezas,
nossa história e riquezas
para a geração futura.

Por isso este seu trabalho
considero bela saga,
já que mesmo atualmente
obra dessa é muito vaga.
Meu cordel sobre Belém,
teve em *Leandro,* um *bem*,
muito raro nessa plaga.
Do *Primário*, nos cinquenta,
trouxe como aprendizado,
do Pará, seu belo hino
que me ficou enraizado.
Além dele, no *Ginásio*,

livros - raros qual topázio -
do Pará: catalogado.

A obra de Benedicto
começa pela história
do Pará colonial,
de maneira meritória
passeia no imperial,
seu espaço nacional,
suas lutas pela glória.

Sua inserção no cenário
europeu e nacional,
sua gente, suas raças,
a integração social:
primeiro o lusitano,
então no segundo plano
o negro e o índio local.

A transição da colônia
pra sequência, imperial,
sempre com predominância
dos vindos de Portugal,
com seus debates, conflitos,
deixando muitos aflitos
naqueles dias: normal.

No momento imperial,
grandes atribulações
políticas nacionais,
revoltas, insurreições:
o Pará e a *Cabanagem*
mostraram sua coragem,
buscavam suas razões.

Com a República, o Pará
aderiu de imediato

como o resto do país,
sem conhecer, isso é fato,
detalhes do movimento
que se espalhou como o vento
pelo povo estupefato.

Após Trinta, o Pará
ingressou em nova fase
junto com todo o País.
A Revolução com bases
gaúchas e nordestinas
também contando com Minas.
Cá, o *Barata*, *camicase*.

Em 64, com
o golpe acontecido,
novamente nosso estado
teve o seu poder contido
pelo *Jarbas Passarinho,*
que instalando seu *ninho,*
tem o poder instituído.

No cenário atual
o Pará até que tem
importância especial
pelo que dele advém
em riquezas minerais,
em riquezas vegetais
que abundantes, contém.

O que não dá garantia
de respeito nacional,
toda riqueza é gerada
para o PIB, integral:
Carajás, mineração,
ouro e ferro de montão
inda o mantém desigual.

O Pará, atualmente,
embora esteja aquém,
quer no país conquistar
o lugar que lhe convém.
Deixar de qualquer maneira,
doar minério, madeira
lhe retorna só vintém.

A cultura do Estado,
rica, vasta, natural,
segue a forte influência
do modelo fluvial,
índia, bem religiosa,
em poesia e em prosa:
apelo bem regional.

De população mestiça,
a cultura popular
logo se enraizou
pra todo canto e lugar:
Carimbó, artesanato,
variedades de fato,
enriquecem este lugar.

A marginalização
do trabalho na região
tem origem nas estradas
rasgadas nesse sertão,
permitindo aos posseiros,
sem apoio, sem dinheiros
e sem qualificação

engrossar o contingente
dos sem-terra do lugar,
aliados a outros grupos
do pescar e do caçar.

Essa qualificação
não oferece condição
pro progresso alcançar.

O latifúndio, também,
mesmo indiretamente
tem apoio oficial:
agronegócio vigente.
Isso traz muitos conflitos,
trabalhadores aflitos
no Estado atualmente.

Apesar da realidade,
da pobreza em geral,
não existe miserável
nesse povo fluvial,
pois produz subsistência,
uma menor indigência.
De todos, o menor mal.

A INSERÇÃO DO PARÁ

As já rupestres pinturas
de Monte Alegre e Alenquer
mostram o pré-colonial,
seu importante mister.
Pela sua datação:
doze mil anos de ação.
Não é uma terra qualquer!

Além delas, artefatos
de osso, pedra lascada,
utensílios variados,
cerâmica elaborada.
Mostram a evolução
dessa civilização,
bastante sofisticada.

Historiar o Pará
desses tempos já passados
é tarefa que obriga
a comparar resultados
de Francisco Orellana,
de Pizarro, que engalana
amazônicos *noivados.*
Navegantes calejados,
desceram o Marañon
e o Solimões no rescaldo
reforçando a Trianon.
Ratificam as amazonas,
que não se mostrando conas
causaram muito *frisson*.

O Tratado assinado
entre espanhol e luso
sobre a terra descoberta
não resistiu ao intruso
português que a Amazônia,
ocupou sem parcimônia,
o deixando em desuso.

Os estrangeiros buscavam
nessas terras d'além-mar,
ouro, prata e produtos
pra poder comerciar.
Na Amazônia brasileira
o primeiro foi Teixeira
aos lusos ratificar.

Bem antes da ocupação
pelo povo português,
os espanhóis cá estiveram
com o Vicente Yanez.
Mas os ingleses houveram,
franceses também vieram

e o batavo holandês.

Nas terras da Amazônia
correm lendas a granel,
todas foram incorporadas
e guardadas no farnel:
Cobra grande, Curupira,
Yara, Boto, que vira
rapaz com belo chapéu

que seduzia mocinhas
virgens pra engravidar,
Yara é a mãe d'água
o mar Dulce a vigiar,
Curupira, rei da mata,
Cobra grande qual pirata,
os barcos a atacar.

Dos grupos da região
dois há que se destacar
por seus traços culturais,
por cerâmica exemplar:
o ilhéu marajoara,
se alimentando à diquara,
conquistaram seu lugar.

Os grupos do Tapajós,
como os marajoaras,
ceramistas sem igual,
os primeiros parauaras.
E os seus muiraquitãs,
poderosos talismãs.
Verdadeiras joias raras.

Desde o início, da chegada
às terras da Amazônia
os portugueses julgavam

os índios, sem cerimônia,
inferiores, selvagens,
mesmo lusos sem linhagens.
É o início da colônia.

Tem político embate,
religioso também,
pois a igreja deseja
catequizá-los, porém.
A Coroa, isso rejeita,
mas na sequência aceita,
para o clero, grande bem.

A PRESENÇA ESTRANGEIRA

A presença portuguesa
no Pará colonial
foi bastante contestada
por embate colossal
contra ingleses, franceses
e também contra holandeses,
como fosse o santo graal.

Isso sem considerar
a natural resistência
que os nativos impunham
à portuguesa ingerência:
militares, missionários,
degredados, mercenários,
só buscavam opulência.
Para os lusos, afinal
essa colonização
no início foi apenas
bem simples ocupação.
com os fortes instalados,
garantidos os mercados,
colônia de exploração.

A Amazônia ingressa
nessa fase da expansão,
fornecedora de bens
típicos da região:
produtos valorizados
e também denominados
como drogas do sertão.

Para isso produzir,
a lusa exploração
promoveu grande confronto:
índia escravização.
E a igreja, bem parceira
desde há muita, pioneira,
fez a catequização.

Para essa ocorrência
a solução encontrada
pelos luso e a Igreja,
promoveu a *mestiçada*:
em grandes aldeamentos,
espargindo alimentos
e sua arte, incitada.

É importante destacar
que a lusa ocupação
diferiu muito da feita
pelo anglo-saxão.
Este, a terra povoava,
o luso só explorava
riquezas do seu quinhão.

Em meados do XVIII
o governador Furtado
deu nova organização:
inseriu o seu legado:
Maranhão e Grão-Pará

uma unidade formar,
passam a ser novo estado.

Foi nessa fase, febril
que o Marquês de Pombal,
o ministro português
de atuação magistral
reforçou sua punição
ao jesuíta, sujeição.
Governo tradicional.

A partir desse momento
foi que Mendonça Furtado
expandiu o seu poder
no controle do Estado.
Impondo os lusos nomes
aos indígenas prenomes
para sempre enraizados:

Pauxis troca para *Óbidos*,
Tapajós pra *Santarém*,
Aruã muda pra *Chaves*,
que de Portugal provém.
Bragança, foi *Caeté*,
Surubiú, pra *Alenquer*
e a todos que convém.

A ocupação prossegue
seguindo as *Ordenações*
que da Coroa provinham
ratificando as ações
do governante local,
que buscava o ideal
de suas explorações.

A primeira construção
da era, fortificada,

foi o forte militar
pouco mais que paliçada.
Dali Belém se expandiu,
para a *Campina* se abriu
por uma simples picada.

Com o tempo e a expansão
daquela simples orada,
a cidade se tornou
obrigatória parada
para aqueles viajantes
vindos de terras distantes
pra Amazônia inexplorada.

Não foi fácil, entretanto
do local, a ocupação,
20.000 tupinambás
impuseram objeção.
alguns lusos lá morreram,
muitos índios pereceram
ou fugiram pro sertão.

As ordens religiosas
para a catequização
como em toda a colônia
primam pela construção
de igreja, de convento,
cruciais nesse momento
para a colonização.

Já no século XVIII
os portugueses mantém
o convento e o colégio
Santo Antônio, em Belém.
Os prósperos jesuítas,
com fazendas, sem desditas,
Santo Alexandre mantém.

Até o grupo *mercedário*
vindo com Pedro Teixeira
construiu grande convento
e sua igreja pioneira.
Hoje a mesma permanece,
mas o convento fenece,
passa a Alfândega primeira.

Apesar da ocupação
da portuguesa nação
outros povos se instalaram
nesta vasta região.
Como já dito, os franceses
e 300 holandeses
pegam *drogas do sertão.*

Construíram casas fortes
para sua proteção
dos indígenas e lusos,
plantando cana e algodão,
mas sob Pedro Teixeira,
sua chance derradeira.
Foram expulsos, então.

Pra defender o lugar
de índios e forasteiros,
a Coroa então instala,
utilizando madeiros,
grandes fortificações,
garantindo posições
contra ataques corriqueiros.

Muitas fortificações
usurparam autonomia:
povoamentos e vilas
mudaram a geografia,

ocupando lentamente,
inexoravelmente.
É lusa filosofia!

Na centúria dezessete
forte colonização
paulatinamente ocupa
parte dessa região:
Bragança, Vigia, Belém,
Gurupá, vem logo além,
Cametá, padres ação.

Porto de Moz e *Salinas*,
Maracanã e *Baião*,
no Marajó tem *Oeiras*
do Pará, *Vieira ação*.
No Tapajós, *Santarém*,
Óbidos, nesse porém
garantem a região.

No século a seguir,
o segundo em ação:
Barcarena, Irituia,
Monte Alegre, atuação
missionária dos capuchos,
Breves, fruto dos empuxos
de engenho instalação.

Almeirim, Marapanim
Soure, Igarapé-Miri,
e também do Marajó,
Cachoeira do Arari.
São Caetano de Odivelas,
Faro, dentre outras *capelas*
com *Conceição*, *cest fini.*

Já no século terceiro

dessa colonização
tem *Juruti*, tem *Acará*,
esta, do governo ação,
tem *Muaná*, tem *Prainha*,
outras, sob ladainha
povoam a região.

Forte luta entre a Igreja
pelos índios, com a Coroa,
a Bula de trinta e sete
para o clero foi boa:
garantia a liberdade,
de bens, a propriedade,
mas impunha velha *loa*.

Conflitos se ampliaram
entre padres e colonos,
estes pra escravizá-los,
aqueles, serem patronos
do índio, considerado,
por alvará decretado
com liberdade, sem donos.

Os padres da Companhia
de Jesus se revoltaram
contra aquelas atitudes
que portugueses tomaram.
Nesse ponto, entretanto,
Padre Vieira e seu manto
os índios, acobertaram.

Esses conflitos tiveram
consequências cruciais
para índios, para padres,
tidos como desiguais
por colonos portugueses
muitos deles já burgueses,

com sonhos comerciais.

O CENÁRIO NACIONAL

O Pará, por ser distante
do cenário decisório:
o governo federal.
tinha o seu território
sem nenhuma autonomia,
do país, periferia,
de drogas era um empório.

Mesmo com a independência
em vinte e dois, do Brasil,
o Pará, só em agosto
de vinte e três, aderiu.
Foi incorporado então
ao Império, cuja ação,
com reservas o assentiu.

O Pará nos dezessete
teve grande expansão,
já no final dos dezoito
aspirou o Maranhão,
logo depois se separa,
do amazonas manauara
mantendo nova extensão.
As terras da Amazônia,
de maneira simultânea
foram logo ocupadas,
qual a *Feliz Lusitânia.*
Cada povo descoberto
era enquadrado, decerto
de maneira instantânea.

Muitos povos, entretanto,
se exilaram no sertão
ante o avanço lusitano,

por sua preservação.
Por isso, oficialmente
a população vigente
era por estimação,

era uma região imensa,
com áreas impenetráveis,
com alagados e florestas
de segredos insondáveis.
Até hoje é difícil
conseguir o benefício
das riquezas encontráveis.

A distância e a dependência
à Corte de Portugal,
a intensa exploração,
dificultaram afinal
a inserção do Estado
ante o clima conturbado,
no cenário nacional.

Por mais de trezentos anos
ele foi subordinado
à bacia do Amazonas
para fluir seu mercado,
dependente fluvial
do produto regional,
consumido, exportado.

Despontando o dezenove
com seringa e com castanha
do Pará, a economia
se expande se assanha.
Aproveita a hidrografia,
pelos rios recebe e envia
os produtos. Que façanha!

O Pará é um Estado
de singular geografia,
ocupa dois hemisférios
desaguando dia-a-dia
um volume colossal
da Amazônia fluvial
que altera a topografia.

Pelo Norte faz fronteira
com a Guiana e o Planalto,
à nordeste com o Amapá
e o Atlântico de assalto,
à leste, com o Maranhão,
com o Gurupi em ação,
hoje já sem sobressalto.

À sudeste, o Tocantins
e o Araguaia pujante,
ao sul, com o Mato grosso,
Teles Pires instigante.
O Amazonas, a oeste.
Roraima no noroeste.
É relevo estimulante.

O Pará, como a Amazônia,
é diverso, variado,
tem mata de terra firme,
de várzea e de cerrado.
Tem planícies alagadas,
tem as áreas elevadas,
sob as cheias, alterado.

Na região Guajarina
tem rica vegetação
de mangue nos litorais
berço e alimentação
das espécies que desovam

e o seu ciclo renovam,
mantém a procriação.

A população da terra,
como o resto do Brasil
é também miscigenada:
branco, negro, índio viril.
Claro, há predominância
do índio, pela abundância,
por cobiça mercantil.

Houve, vinda do Nordeste,
uma intensa migração,
que bem nítida demonstra
na sua população:
o Pará dos coletores,
das marombas, pescadores,
dos currais e da extração.

O outro, dos lavradores,
de Bragança e da Região
do Salgado se enraizou
e ampliou a plantação.
Da castanha, da seringa,
que os vindos da caatinga
ampliaram a produção.

O Pará, trezentos anos,
teve lenta ocupação,
com abertura de estradas
teve rápida expansão.
Belém-Brasília pioneira,
Transamazônica, à vera,
geraram a ocupação

de suas margens, enfim,
pra cidades sediar;

hoje são quase quarenta
com um milhão a morar,
meio milhão de eleitores
entre esses moradores,
pro político abusar.

Até os anos sessenta
crescia bem lentamente
a população local,
mas muda radicalmente
nos meados dos noventa,
grande leva se assenta
na *roça*, principalmente.

Um milhão e meio era
em sessenta, a multidão
que habitava o Pará.
Em noventa e seis, então,
cinco milhões de *andores*,
a metade, eleitores,
garantindo eleição.

Hoje a população
do Estado ultrapassa
oito milhões de pessoas,
são a *paraense raça*.
Belém tem a liderança,
Ananindeua, *criança*,
em segundo, pela massa.

O trânsito, quase todo
era via fluvial,
mas a mata quem criou
a riqueza estadual:
da castanha, o castanheiro,
da seringa, o seringueiro,
que da balata é igual.

No início de oitocentos
200 embarcações
promoviam o comércio
pelas várzeas regiões.
Em meados do Império,
Mauá, com todo critério
pôs vapores *guardiões*

para implantar o comércio
e cabal navegação
dessa região carente,
de anormal integração.
Irineu Evangelista,
liberal, capitalista,
pôs fim à essa exceção.

Planejamentos viários
mostravam curtos pavios,
as riquezas da floresta
carreadas pelos rios,
entre as povoações
daqueles ermos sertões
com apoio dos gentios.

Aos XIX, meados,
o Pará sobreviveu
de especiarias, cacau,
do açúcar que colheu,
café, tabaco, algodão,
pecuária de plantão,
do Marajó, apogeu.

Com a extração do látex:
borracha pra exportação,
tais gêneros começaram
a perder o foco, então

pra suprir os seringais
e também os castanhais,
mão-de-obra, *importação.*

Pra suprir deficiência,
a ajuda do destino,
com a seca no sertão,
o imigrante nordestino
ruma para a Amazônia,
implantando aqui, colônia:
mulher, homem e menino.

As vias de ligação
eram todas fluviais,
os lugarejos também
eram todos marginais.
A cultura de extração
dos produtos, a opção
para eles, ademais.

Houve uma tentativa
de via ferroviária
que durou oitenta anos,
até Bragança, lendária.
Nos sessenta, sepultada
pelo governo, alegada,
velha e deficitária.

Só com a Belém-Brasília,
no governo Juscelino,
começou a alforria.
Ela foi salto felino.
depois para o Nordeste,
pra Cuiabá, grande teste.
Pro Pará, som natalino.

Porém, bem antes, ainda

sob o governo de Vargas
a Amazônia recebeu
duas preciosas cargas:
Banco de Crédito, então,
Enasa, navegação.
Pra economia, fidalgas.

Infelizmente, porém,
o projeto de fomento
dessa nossa região
teve mal ordenamento:
forte agropecuária,
ocupação fundiária,
secaram o orçamento.

O gesto grandiloquente,
criando a transamazônica,
modernizando a região,
foi demais, foi faraônica.
Teve fraco incremento,
melhor no povoamento
daquela área icônica.

Altamira, Itaituba,
Tucuruí, Marabá,
foram beneficiados
no estado do Pará
pela tal transamazônica,
considerada anacrônica,
como dar certo, não há.

Mesmo ainda incompleta,
lugarejos, povoados,
foram desses municípios,
na sequência, desmembrados.
Estradas, investimentos,
energia, mais fomento.

Novos contextos gerados.

A economia surgida,
marginais a tais estradas:
agropecuária forte,
com florestas exploradas.
Desmatamento em ação,
represas, inundação.
Ideias mal projetadas.

As terras da Amazônia
tem riquezas à exaustão:
na floresta, fauna, flora,
em forte exploração.
No solo os minerais,
jazidas fenomenais.
Carajás, mineração.

É certo, a construção
das estradas na região
marcaram profundamente
a economia então.
Tem cunho capitalista,
capital monopolista,
com apoio da nação.

A CIVILIZAÇÃO FLUVIAL

Exceto o rio Gurupi:
o Pará, do Maranhão.
Rios desse território
criaram nesse torrão
muito arraigadamente,
pelas águas, permanente,
fluvial civilização.

Quase todas as cidades
e também povoações

se localizam às margens
dos rios: facilitações.
Primeiras propriedades,
para mais facilidades
tinham nos rios, posições.

Os rios comandavam a vida,
e por eles trafegavam
pessoas, a economia.
Navios, barcos pululavam.
A partir da ferrovia,
pra Bragança, a primazia
dos rios já periclitavam.
O adensamento humano,
as novas povoações,
construção de rodovias,
fazem parte, são ações,
que lento, gradualmente,
natural-geograficamente:
fontes de exploração.

A floresta tem, abriga,
grande biodiversidade
ainda não mensurada,
pelo menos, a metade.
Várzeas, campos, manguezais,
terras firmes, naturais.
Tudo em grande quantidade.

Tem reservas descobertas:
ferro, manganês, bauxita,
cobre, chumbo, muito ouro
e também cassiterita,
pra várias explorações,
mesmo atômicas funções,
que esperamos bendita.

FORMAÇÃO SOCIAL

Poucos historiadores
cuidaram da formação
social do paraense.
Eis a indígena questão!
Junto com os africanos
e os patrícios lusitanos:
nossa civilização.
Pouco se disse porém
desse povo varonil
e da miscigenação
da sociedade civil.
Ela teve relevância,
uma grande importância
pro Pará e pro Brasil.

Os primeiros africanos,
trazidos para o Pará
foram obra de ingleses
que vieram pra ficar.
Instalaram feitorias,
fizeram benfeitorias,
para aqui poder morar.

Com a lusitana chegada
e a expulsão dos ingleses,
os escravos africanos
foram largados, vieses.
Naquele vasto sertão,
a índia escravização
bastava pros portugueses.

A intervenção, porém,
das jesuítas missões
contra a índia escravidão
criou então condições
para a negra sujeição,

com a legal importação,
das cartas-régias coações.

O extrativismo, porém,
era ineficiente
pra bancar a mão-de-obra
negra, bem eficazmente.
No XVIII, com a ação
do governo, a importação
ficou bem mais competente.

Mais de doze mil escravos
foram então introduzidos
no Pará, na existência
da *Companhia*, é sabido.
A influência, entretanto,
foi pequena na cultura.
Na Cabanagem, nem tanto.

As ideias liberais,
do Porto, introduzidas
por Patroni, fomentaram
manifestações contidas,
escondidas sob pano,
pelo escravo africano,
na revolta, embutidas.

Além da luta dos brancos,
os escravos, descendentes,
reagiram resolutos
contra a escravidão vigente.
Muitos fugiram, montando
unificados em bando,
os mocambos, cabalmente.

O fim da escravidão
retornou à discussão

no governo imperial,
com grande contestação,
para voluntariar
o Exército e equipar
para a guerra em questão.

Nessa guerra, o governo
milhares alforriou,
mas depois do encerramento
a discussão encerrou.
No Grão-Pará, otimistas,
grupo de abolicionistas
seus escravos libertou.

SOCIEDADES TRIBAIS

Os povos que habitavam
a extensa região
eram nômades, ficavam
em movimentada ação.
Eram claro, caçadores
e naturais coletores
da flora, vegetação.

Em grupos familiares,
o seu clã, o social,
prática mais avançada,
a da tribo: a tribal.
Já gregários, sedentários,
se tornam estacionários
com a agricultura, afinal.
Desses grupos se destacam
Marajoaras, então,
agricultores treinados,
cerâmica de padrão.
Esse aperfeiçoamento
trouxe desenvolvimento.
Ao solo, a fixação.

O modelo implantado
no Pará e na Amazônia
foi variado, enfim,
considerada errônea.
Holandeses e franceses,
os intrépidos Ingleses
e a portuguesa farrônea.

A católica Igreja
e o trono português
organizaram missões
pra dos índios ter a vez.
Jesuítas pragmáticos,
diretos, não burocráticos,
não esperaram talvez.

Os jesuítas trocavam
experiências gerais:
os novos aldeamentos:
índios e brancos em paz.
Naquela grande união
se inseriu a religião,
entrosamentos totais.

Se pode até garantir
que as aldeias fundadas
pela ordem jesuíta
foram bases implantadas,
aceitas socialmente,
como meio permanente
dessas tribos aldeadas.

As medidas pombalinas
foram para os aldeados,
meras desintegradoras
de sistemas já provados.

Desmontados em cartório,
transformado em Diretório,
mantendo-os tutelados.

O Diretório foi mais
que as modificações
ocorridas nos espaços
amazônicos, senões.
Os lusos, culturalmente,
se viam superiormente
aos indígenas aldeões.

A catequese, usada
como apelo principal
da jesuítica ação,
foi encerrada afinal.
Violenta e arbitrária,
nova linha missionária
dá o tom fundamental.

Hoje o índio dá de cara
com as frentes pioneiras,
que tem comunicações
atuantes, mais ligeiras.
Ocorrem más consequências,
quase sempre decorrências
da inocência brejeira.

Logo se percebe que
o aprisionamento
e também a repressão
do colonial momento
se expandiu no imperial,
atingindo o crucial
na Cabanagem, evento.

A transição do Brasil

de colônia pra império:
apenas pelos gestores,
além disso, assunto sério:
os administradores,
mercante dominadores,
praticaram vitupério.

O rompimento, portanto,
do acordo colonial
ocorrido desde o início
do poder de Portugal
nesses lados só acaba
com navegação aprovada
para outros, menos mal.

Foi Antônio Ladislau
que eu seu *Pará: Compêndio*,
relatou sobre os males
que o Pará vinha sofrendo.
O português, arraigado,
com brasileiros ao lado,
num imoral vilipêndio.

Essa fase, transitória,
do Pará, à independência,
teve lutas e motins
com inaudita violência.
Causa: os governadores
agiam qual vingadores.
Portuguesa preferência.

O rompimento do acordo
colonial só se deu
no aspecto político,
mas o Pará não acedeu.
Após um ano, somente,
mas economicamente,

o acordo arrefeceu.

Houve apenas, de verdade,
uma simples transferência
de um colonizador
por outra proeminência.
A mão-de-obra escrava
passa então a semiescrava
até a abolição essência.

A economia local,
apenas extrativista,
sofria dominação
dos poderosos. Prevista.
com a abertura, os ingleses,
logo depois os franceses:
atuação capitalista.

Os ingleses, nessa leva,
promovem melhoramentos
para a navegação,
criam portos – que eventos –
de Manaus e de Belém,
pro comércio. Grande bem.
Além de financiamentos.

Na realidade, estava
além da espoliação,
atribuída a toda
nativa população.
Patroni, universitário,
jovem probo, libertário
entrou nessa luta então.

Tornou-se entusiasta
das quimeras liberais,
pululantes na Europa,

pró-constitucionais.
Ao voltar para Belém,
trouxe os ideias d'além
inflando seus ideais.

Fundando *O Paraense*
em maio de vinte e dois,
divulgou abertamente
sua proposta. Depois
foi preso, enclausurado,
pra Lisboa foi enviado,
para se calar. Pois, pois!

Cônego Batista Campos,
O Paraense, adquiriu.
Logo mostra a que veio:
separatismo assumiu.
O governo, renitente,
de maneira intransigente,
ignorava o Brasil.

Janeiro de vinte e três,
ficou clara a opção.
A Câmara de Belém
pro português disse não.
A guarnição militar,
do governo, no lugar,
cerrou a instituição.

Na direção da província
pôs o vigário geral,
Dom Romualdo de Seixas,
que fez um bem, afinal:
anistiou condenados,
antes sido derrotados.
Mandou-os pra Portugal.

A adesão finalmente
do Pará se deu então.
em agosto, com Greenfell,
chegado do Maranhão
com ordens imperiais,
vem tornar todos iguais.
Finalmente a união.

Mesmo assim inda persistem
atritos e violência.
As portugueses famílias
mostram sua intransigência.
Caboclos desesperados,
mamelucos massacrados.
Campos-Malcher na *essência*.

Marinheiros portugueses
promoveram atentados
contra Greenfell, sem sucesso.
Logo os aquartelados
os moderados depõem.
Campos não mais se impõe.
Pro Maranhão deportado.

Esses distúrbios, porém,
foram piores, fatais,
duas centenas e meia
são mortos como animais
nos porões do *Diligente*,
sepultados indigentes,
isolados dos demais.

Esse episódio demonstra
como a nossa transição
de colônia pra província
do império, com adesão
ao Brasil independente

Mas Campos, intransigente,
lutou pelo seu *torrão*.

Ele demonstra, também
que essa marcante passagem
funcionou como *fermento*,
foi a perfeita dosagem
pro futuro movimento
pro Pará, grande momento:
a chamada Cabanagem.

Em abril de vinte e três,
João Balbi e outros atores:
Capitão Boaventura,
Diogo Moia, sim senhores.
Antonio Barreto, alferes,
Domingos Marreiros, infere
Bernal do Couto, rigores,

Há nesse grupo o padre
Jerônimo Pimentel,
com os civis José Pio
e o Evaristo, Manuel.
Apesar de entusiasmados
foram todos derrotados.
Destilaram amargo fel.

A CABANAGEM
Foi durante a Regência
que eclodiu a Cabanagem.
Apesar da independência,
o Pará é vassalagem
de portugueses presentes,
dos mercenários ausentes.
Uma só libertinagem.

A Cabanagem ficou

fora da historiografia.
Os documentos restantes
em livros, são de autoria
sim, de Domingos Rayol,
revelando seu *pai-sol,*
vereador em Vigia.

Executado que foi
pela Cabanagem, enfim.
Outro autor é Antônio
Monteiro Baena, sim.
Sobre os fatos, escreveram,
e os dados, forneceram,
tudo tim-tim por tim-tim.

Naquele instante havia
virtual separação
entre as autoridades,
que influenciou então
grupos privilegiados,
muito bem remunerados:
militares de plantão.
O próprio *Círio*, também,
que desde noventa e três
tributava à padroeira,
só mantinha a sua vez,
por ser mais uma parada
de militares, ornada,
isolando a escura tez.

A posição de Belém,
a uma grande distância
do centro das decisões,
das de maior importância,
dividiam ainda mais,
aproximando os iguais.
Para o pobre, intolerância.

Aqueles que organizavam,
dirigiam o movimento,
embora remediados,
era o menor segmento.
A maioria era pobre,
sem *pedigree*, pouco cobre,
queriam melhoramento.

A Cabanagem foi um
movimento libertário,
profundo e nativista
que tinha um ideário:
se livrarem da cobiça,
por isso entraram na liça
com o governo autoritário.

Sob um ponto de vista
político-estratégico,
a Cabanagem foi um
movimento bem enérgico
que soube mobilizar
a massa, bem popular:
quase de modo lisérgico.

É importante destacar
a real correlação
existente entre a *nossa*
e outra revolução.
Na Europa, inicialmente,
na América, finalmente,
até marcar nosso chão.

Na cidade de Belém,
em sua periferia,
morava a população
em cabanas, maioria.

Foi essa tal vassalagem
que nomeou Cabanagem:
revolução, todavia.

A população geral
do Pará era mestiça:
mamelucos e caboclos,
grande parte nessa liça.
Depois foram os mulatos,
pra receber os maus tratos
daquela elite castiça.

Cônego Batista Campos
foi o nome principal
da oposição no Conselho
do Pará, provincial.
Mesmo assim, a repressão
contra a população
era forte, essencial,

para conter a desordem,
segundo o governante,
dessas manifestações
ocorrendo a todo instante.
Se tornava necessário
um governo autoritário
e fortemente atuante.

A indicação de Campos
inspirou a união
de todos que batalhavam
com a mesma intenção:
limitar impunidade,
encerrar atrocidade,
acabar com a repressão.

O dia 6 de janeiro,

Dia de Reis, festejado,
escolhido por Vinagre
e Angelim, preparados.
Equiparam seu *andor*
contra o governador,
alcunhado de *Malhado*.

Angelim tomou pra si,
como sua empreitada,
ocupar a posição
então mais fortificada:
o guardado Arsenal
de Armas, a principal
guarnição organizada.

Depois da ocupação
completa do Arsenal,
os cabanos se caminharam
para o governamental
e Lobo, governador,
foi morto naquele ardor.
A revolta e seu final.

O Conselho dos Cabanos
foi logo organizado
para criar um governo
deles, bem representado.
Não se queria um qualquer,
por isso Antônio Malcher
foi logo sacramentado.

Além de ser Coronel
de Milícia e fazendeiro,
também já nesse momento
é o governador primeiro.
Mas seu jeito arbitrário,
soberbo, reacionário,

foi o seu *despenhadeiro*.

A equipe de governo
de Malcher, governador,
contemplou alguns cabanos,
mas reforçou seu andor.
Repartições militares
ocupavam mais lugares
do que o civil gestor.

Ante o descontentamento
daquela população,
as lideranças cabanas
dão um alerta então.
Malcher logo ordenou,
mas Vinagre argumentou:
discorrer sem repressão.

A dissenção fica clara
entre Malcher e Cabanos.
Papagaio e Angelim:
voto à todos, nos seus planos,
Malcher estava impotente,
não era independente.
Assumirá seus enganos.

Diante da resistência
dos Cabanos, vê Malcher
uma única saída:
não se julgar um qualquer.
Fez Vinagre demitir,
que preferiu resistir.
Conflitos? Donde vier.

A reação do governo
foi grande no Arsenal,
mas Malcher teve ajuda

da Esquadra Imperial.
Só que a reação cabana,
atrevida, sobre-humana,
foi aguerrida, afinal.

Foi no Forte do Castelo
que teve o embate final.
Malcher havia recuado
buscando apoio geral.
Acabou se abrigando
e Angelim se libertando.
Vinagre, o líder legal.

A primeira providência
de Vinagre foi aquém.
Foi do brigue, transferência
de Malcher para Belém,
que inconformado reagiu,
seu captor agrediu.
Foi morto a tiro, porém.

O movo governador,
sentindo-se garantido,
retomou hostilidades
ao português, protegido.
Decretou prisão enfim,
de Vinagre e Angelim.
Eles haviam fugido.

Sob ferrenho controle
policial-militar,
o cabano só podia
novamente se elevar
do interior pra cidade
e Angelim, em liberdade
vem do Conde, liderar

novo levante Cabano
contra o governo então,
de Carapuru e Ourém
e de outros desse chão.
Buscava, principalmente
informar à sua gente,
lançando proclamação.

Dia quatorze de agosto,
o Cabano, unificado
ouviu a proclamação
de um Vinagre obcecado.
Tomaram logo, o Convento,
o Hospital e o monumento
do Castelo, dominado.

Nesse embate, porém,
a Fragata Imperatriz
protegia a retaguarda
do Arsenal, então se diz
que dela partiu o tiro
que deu o último suspiro
para um Vinagre infeliz.

No dia quinze de agosto,
quando tudo preparado,
Angelim se retifica
prum Arsenal aparelhado.
A vinte e três, madrugada,
Rodrigues, em retirada,
abandonou seu *telhado*.

No governo, Angelim,
pouco espaço, inseguro,
teve que negociar
com seu Conselho, maduro.
Mas era pouco, é verdade,

gerava instabilidade,
embora visse futuro.

Em abril de trinta e seis
de Andrea então chegou
como novo governante
oficial, começou.
Com tropas e mantimentos,
seus primeiros movimentos,
as mangas arregaçou.

Investido de poderes
completos, totalitários,
Andrea iniciou
com modos reacionários,
prendendo e deportando.
Sem Angelim no comando,
implantou seus ideários.

Não só Belém, mas em todo
interior da região
de modo incomparável
ocorreu perseguição.
Milhares aprisionados
e logo assassinados.
Bem terrível repressão.

A Cabanagem sofreu
por décadas negação.
Composta por bandoleiros:
essa era a informação.
Hoje a nossa Cabanagem
recebeu como homenagem
Memorial, correção.

O PARÁ E A REPÚBLICA
No destino do Pará,

ideário republicano,
sistema federativo
passam a primeiro plano.
Mas ideias liberais
já estavam lá atrás
no ideário Cabano.

A imprensa sempre teve
um importante papel
político no Pará,
transparente como véu,
desde o antigo *O Paraense*,
Folha do Norte, suspense,
nunca largando ao léu.
Nasceu em cinquenta e três:
Diário do Grão-Pará,
o *Diário de Belém*
em sessenta e oito está.
Meia-nove, *O Liberal*,
em sete-três, afinal,
A Constituição, quiçá.

Em sete-cinco*, A Aurora*
preencheu o seu lugar,
em sete-seis *A Província*
do Pará, veio ocupar
seu espaço e dar suporte
para a *Folha do Norte*
em noventa e seis chegar.

Hostilidades haviam
de maneira insistente
no Pará à monarquia.
O primeiro foi o tenente
Lauro Sodré, na visita
do Conde Deu, escravista,
com a imprensa presente.

A Província, aliás,
em crônica publicada,
ironizou os fidalgos,
por *Rataplan*, assinada.
Sob a alcunha, Diderot,
Lauro Sodré, a favor
da República, apoiada.

Em razão de interesses
tidos como nativistas,
Veiga Cabral chefiou
insurreição otimista.
Mas o presidencialismo
junto com o federalismo
fazem o país otimista.

As lideranças surgidas
no Pará republicano
foram poucos, de alguns
restaram o desengano.
Paes de Carvalho, preclaro,
Augusto Montenegro, claro
e Antônio Lemos, ufano.

Com o apogeu da borracha
Antônio Lemos bem fez
um excelente governo,
não prometeu um talvez.
Boa administração
na cidade e então
ratificou sua vez:

urbanizou a cidade,
elevando seu padrão,
reinaugurando o *Bosque*,
que virou logo atração.

O *Mercado* construiu,
na cidade instituiu
farta iluminação.

No governo do Estado
Montenegro aproveitou
a balança favorável
e a ferrovia acabou.
Fez escolas, faculdades,
Gentil, entre novidades.
O *Teatro* reformou.

Sob Hermes da Fonseca
o Congresso Nacional
criou *Plano de Defesa*
da Borracha, mas foi mal:
os recursos disponíveis
foram poucos, impossíveis
pruma atuação legal.

O PARÁ PÓS-1930

A Revolução de 30
ficou também conhecida:
início da Era Vargas
com sua imagem emergida.
O Estado Nacional
chegou aqui no local
com a *Barata* rugida.

Montealegrense de Belém,
na Escola Militar
fez carreira estudantil
vindo após se engajar.
Foi de Lemos partidário,
de Sodré também gregário,
de maneira singular.
Em doze foi acusado

de então participar
do incêndio à Província,
nada vindo a se provar.
Desafetos, ironia,
contra sua ideologia,
querem dele se livrar.

Em novecentos e quinze
foi a segundo tenente,
comandando Oiapoque,
fronteira, linha de frente.
Em dezenove no entanto,
Primeiro tenente, encanto,
com Rio de Janeiro quente.

Mais tarde, em vinte e quatro,
Manaus passa a seu rincão,
defendia a ideologia
do tenentismo, então.
Por ter tido essa postura
foi preso e trazido à dura
pra Belém, o seu torrão.

Logo conseguiu fugir,
indo para o Rio Grande,
se envolvendo com tenentes.
Seu futuro se expande.
Com a vitória então,
de Trinta, Revolução,
com força, seu taco brande.

Interventor do Estado,
rápido, foi nomeado.
Ainda no mesmo mês,
Capitão patenteado.
De modo impressionante,
foi no novo ano entrante,

a Major, sacramentado.

Barata, representando
no Pará, o Novo Estado,
com carisma, jeito simples,
ficou popularizado.
Visita comunidades,
levando autoridades,
prum atender localizado.

Por essas e outras coisas,
como Vargas, nacional,
Barata logo se torna
um ídolo regional,
não esquecendo, aturou,
por cinco anos lidou
com oposição colossal.

Com a Carta de trinta e quatro
houve direta eleição,
Gama Malcher foi eleito,
cumpriu mandato então.
Barata, com seu cacife,
viajou para Recife
a serviço da função.

Nesse tempo, afastado
foi promovido então
a Tenente-coronel.
Voltando à Intervenção,
com Vargas no Novo Estado,
que o quis recolocado
do governo, na gestão.

Em quarenta e cinco com
redemocratização,
Barata se candidata

ao Senado, opção
pra apoiar Moura Carvalho,
pro governo, um atalho
pra sua volta à ação.

Candidato em cinquenta
foi derrotado então
por Marechal Zacharias,
sobrenome Assunção.
Cinquenta e três, no andor,
se reelegeu Senador,
se mantendo opção

pra de novo governar
o Estado e sua gente
que ansiava sua volta,
que deseja novamente
vê-lo à frente do Estado,
com seu jeito denodado,
como sempre, competente.

Em cinquenta e cinco volta,
eleito de modo claro
pelo povo paraense
que o considera preclaro.
Aos setenta e três de idade,
sob grande enfermidade,
faleceu. Que desamparo!

OS GRANDES PROJETOS

Desde os anos sessenta,
medidas pra integração
da Amazônia, receberam
mais um pouco de atenção.
Pela SUDAM começou,
por estradas continuou:
Nacional programação.

Iniciada por Vargas,
a Amazônia-Integração,
só no governo de Médici
ganhou mesmo expansão:
a Via Transamazônica,
Santarém-Cuiabá icônica,
Tucuruí, construção.

O extrativismo aqui
começou no vegetal
com as drogas do sertão,
aa sequência, o animal
com a diversificação
daquela fauna então.
Depois veio o mineral.
No primeiro, vegetal:
com pau-rosa, seringueira,
a castanha do Pará
e muita, muita madeira,
hoje inda sendo explorada
de forma desenfreada
com carabina e peixeira.

O madeireiro setor
na Amazônia e no Pará
é bastante lucrativo,
como ele, outro não há.
Margens da Belém- Brasília,
sob asas e a vigília
do projeto Carajás.

O processo de extração
da madeira, irresponsável,
nas áreas de terra-firme,
maléfico, deplorável.
Para uma em extração,

em média, vinte e seis são
destruídas. É inviável.

O extrativismo animal
teve forte ampliação
pelos lagos, rios e beiras,
até pesca de arrastão,
de maneira predatória,
numa disputa inglória.
Falta pra população.

Mineral extrativismo
hoje é considerado
como fonte de expansão
pro minério, iniciado.
Em São Felix do Xingu
tem estanho à olho nu,
mas demorou um bocado.

Só nos oitenta porém,
com a rica Serra Pelada
a produção do Brasil
foi bastante ampliada:
oitenta mil garimpeiros
e outros aventureiros
tentavam sua tacada.

Mais uma grande jazida
foi descoberta então,
três meses depois de Serra
Pelada, em Redenção.
Hoje, esse extrativismo
é um simples eufemismo
chamado de expansão.

No Pará, alguns projetos,
grandes empreendimentos

foram logo iniciados,
indescritíveis momentos.
O primeiro, o Projeto
Carajás, fonte e objeto.
Faraônicos eventos.

Objetivava enfim,
com toda grandiloquência,
o governo conseguir
mineral suficiência,
como manganês, bauxita,
ouro e cassiterita,
cobre e níquel de excelência.

Carajás, além de ser
a maior a céu aberto,
guarda ainda terras que
tem patrimônio, é certo
de ouro, outros minerais,
de riquezas sem iguais.
E isso é mesmo correto.

O Decreto que o criou,
no governo Figueiredo
compreende infraestrutura
e a tudo do enredo:
o sistema hidroviário,
matas, agropecuário.
Foi um grande arremedo.

Também nesse raciocínio,
Ludwig, o americano
investiu quase um bilhão
no Jari, seu grande plano.
Tudo majestosamente
planejado, coerente,
pra não permitir engano.

Mas tinha contradição:
para as questões sociais,
medidas fundadas em
pressupostos nacionais,
integrar populações,
se transformaram em ações
de fato empresariais.

No Marajó foi testado
um projeto com a função
de potencialidade
do pasto, a triplicação.
Em estudos, investindo
e da ilha, permitindo
sua recuperação.

O RADAM foi um projeto
que até foi definido
como o *vice* do mundo,
pouco dele, decidido:
localizar a riqueza
do solo, que com certeza
não era desconhecido.

Finalmente o Trombetas,
fica em Oriximiná,
procurava por bauxita
que existe muito, lá.
Barcarena, Alunorte,
do minério, o suporte,
exportado do Pará.

A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO

A nossa economia
sempre foi extrativista
mineral e vegetal

desde a inicial conquista,
na sequência, coletora
pela antiga Coroa.
Posição mercantilista.

Hoje, o nosso desafio
é o da transformação
da borracha e da castanha
para o da mineração.
Da exploração do caboclo,
que recebia tão pouco,
pra Incentivada extração.

No Pará se compreendeu
ser da base, a mudança,
sem oferta de empregos
ficará na esperança
de uma indústria local
com interesse, afinal
de trazer uma bonança.

Não se pode, entretanto,
dar às costas à abundância
da riqueza escavada,
de extrema importância,
instalando, afinal
uma indústria mineral
com a melhor consonância.
Possuímos, é verdade,
distritos industriais,
situados, entretanto,
nas cercanias locais:
Barcarena, Icoaraci,
Marabá, que é logo ali,
Ananindeua. *Quintais*.

Marabá, dá preferência

para a siderurgia,
não falta matéria-prima,
mão-de-obra todo dia.
As empresas existentes
se mostraram competentes.
Um início da alforria.

Barcarena oferece
aberturas variadas:
metalúrgica, alimento,
de madeiras transformadas.
Energia tem se sobra
preço bom, o estado cobra.
Vidas são retificadas.

Ananindeua oferece
com diversificação:
são empresas que produzem
desde a confecção
de roupas de todo tipo.
Cada uma, um biotipo.
E a química produção.

Já Icoaraci expõe,
além do artesanato.
Tem indústrias, afinal,
alimentícias de fato.
Tem a construção naval
e a residencial,
Mais cerâmica de trato.

O comércio do Pará
teve grande expansão,
ocupando os espaços,
permitiu circulação
de várias mercadorias,
mais que as especiarias.

Riquezas exportação.

O Pará possui o porto
mais próximo dos mercados
consumidores do Norte,
isso somam predicados.
É também porta de entrada
da Amazônia citada:
são valores agregados.

BELÉM-PA CULTURAL
Por muito tempo, Belém
foi assim denominada:
Metrópole da Amazônia.
Hoje está recuperada:
museus, teatros, fundações,
parques de exposições.
Muito *culturalizada*.
Lanchonetes, restaurantes,
o Ver-o-Peso pulsante,
Instituto Evandro Chagas,
cada vez mais atuante.
O Parque da Residência,
o Mangueirão, excelência
e a *Estação* pujante.

O Círio de Nazaré,
festa tradicional
das atrações do Pará,
o evento principal.
Todo ano, multidões
Cumprem peregrinações.
Do povo, fé capital.

Na culinária, o Pará
é farto, original,
variedade de pratos,

tudo muito natural.
Tem pato no tucupi,
caranguejo e siri,
com jambu, muito legal.

Casquinha de Caranguejo,
na chapa, pirarucu,
pode ser de outra maneira,
mas todas com o jambu.
Maniçoba, tacacá,
à venda em todo lugar.
Até no *Murutucu*.

Frutas, nem vou te contar,
são tantas, que levaria
várias linhas escrevendo,
tomado pela euforia.
Mas o nosso açaí
é sem igual por aqui.
Tem de todos, primazia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. *Pequena História da Formação Social Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1986,

ARRUDA, Carlos. *Os Cabanos*, Belém, Cejup, 1997.

CARNEIRO, Orlando, *Paragueses*, Belém, Imprensa Oficial, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*, São Paulo, Cia das Letras, 1998.

----------, *A Construção da Ordem e o Teatro de Sombras,* Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Relume Dumara, 1996.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*, São Paulo, UNESP, 1999.

COUTO, Ronaldo Costa, *O essencial de JK*, São Paulo, Planeta, 2013.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930, historiografia e história*, São Paulo, 1997.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1974.

HELIODORO, Affonso. *JK, exemplo e desafio*. Brasília, Thesaurus, 2005.

KUBITSCHEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974.

LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

MONTEIRO, Benedito, *História do Pará*, Belém, Ed. Amazônia, 2006.

NETO, Lira, *Getúlio, 1945-1954*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2014.

PASSARINHO, Jarbas Gonçalves, *Estado do Pará*, Rio de Janeiro, Bloch, 1976.

PRADO Jr. Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1973.

SILVA, Marlene de Deus Tavares, *Estudos Amazônicos, O Pará em questão,* Belém, Design, Gráfica e Editora, 2003

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

JORNAL DO BRASIL. *Coleção Jornal do Século XX* – 1901/2000.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013